

5.

Conclusão Geral

Experiência e discernimento foram os temas que buscamos articular ao longo de toda a tese. Fizemos isso como se eles fossem uma porta e seu batente. Contudo, para articulá-los utilizamos uma dobradiça que igualmente possui duas extremidades. A primeira extremidade (pensamento de G. Vattimo como expressão da sensibilidade pós-moderna) fixamos no batente da experiência, a segunda (pensamento de A. T. Queiruga e sua teologia da revelação), fixamos na porta do discernimento.

Levamos a sério a demanda por experiência que a cultura pós-moderna apresenta, bem como a pergunta pelo lugar da revelação, que se confunde com a questão do próprio lugar onde se pode afirmar o sentido da existência. Isso nos conduziu a pensarmos a revelação numa perspectiva de mudança de paradigma: das dimensões racionalistas e cognitivistas aos espaços mais amplos da condição humana. Em suma, à sua integralidade.

Para além de teorias fixistas que tendem a encerrar a revelação nos domínios da palavra verbalizada afirmamos a possibilidade de pensar a revelação a partir de sua recepção que ocorre em realidades onde se vive a experiência da fé. Pensar a revelação na perspectiva de sua recepção, contudo, não significa o abandono de todas as regras nem tão pouco de toda a tradição. Isto bem nos mostrou o pensamento de Gianni Vattimo, sobretudo, com sua tese do *pensiero debole*.

Por isso propomos que esse capítulo da filosofia vattimiana – *pensiero debole* – com seus desdobramentos, oferece o lugar hermenêutico mais apropriado para a realização da proposta de A. T. Queiruga quanto a teologia da revelação, a saber: a maiêutica histórica. Na perspectiva deste último a revelação deve ser compreendida para além dos esquemas tradicionais onde Deus é ressaltado em detrimento do homem e da história. *Pensiero debole* e maiêutica histórica articulam experiência e discernimento e, possibilitam dizer uma palavra

teológica sobre a revelação onde Deus e os homens e mulheres se encontram, sendo aquele a possibilidade mais plena para a realização destes.

Guiamo-nos na tese por algumas hipóteses. A primeira, que é na verdade a hipótese central buscou evidenciar que estamos vivendo uma virada cultural - que nomeamos pós-modernidade. Está acontecendo um deslocamento do *locus* de sentido teológico, passando das estruturas epistemológicas baseadas na racionalidade moderna para novas formas de racionalidade abertas, sobretudo, à experiência como canal de contato com a realidade.

Desta hipótese central desdobramos outras cinco hipóteses:

Primeiro: A teologia encontra-se diante de uma mudança cultural que a coloca face a premente tarefa de revisão tanto de sua linguagem, quanto de seus lugares teológicos. Isso significa uma abertura crítica, mais positiva diante da cultura pós-moderna como sendo não a melhor nem a pior, mas a nossa cultura.

Segundo: A teologia fundamental, especificamente a temática da revelação, pensada nessa perspectiva de mudança cultural deve assumir uma racionalidade que valorize a subjetividade emergente – experiência como elemento desvelador da realidade – produzindo um deslocamento no que diz respeito aos lugares de sentido teológico. Surge dessa forma um novo sujeito teológico, não mais somente as instâncias canônicas e magisteriais, como centro mesmo da reflexão teológica: o sujeito da recepção.

Terceiro: As metanarrativas teológicas, de caráter totalizador e universal, podem dar lugar a pluralidade de discursos localizados, a partir dos locais e dialetos onde a experiência com o Deus que se comunica é realizada. Nesse sentido a teologia assume seu papel mais original: fazer discernimento, exercer a mistagogia.

Quarto: As teorias sobre a verdade teológica, fundadas sobre a epistemologia metafísica, precisam ser revistas na ótica do pensamento fraco, possibilitando o

“parto” das verdades teológicas presentes na auto-comunicação de Deus numa dinâmica de maiêutica histórica.

Quinto: As fronteiras internas e externas do diálogo teológico são ampliadas em direção à superação de práticas reducionistas e apologéticas, em benefício de certa postura dialógico-fenomenológica que é capaz de perceber e aceitar a revelação de Deus para além das instâncias de autoridade cristãs. Isso se dá sem o devido reconhecimento da especificidade e ultimidade da revelação em perspectiva cristã.

Buscando dar respostas às teses acima mencionadas percorremos um caminho marcado por seis capítulos divididos em três partes. Passamos a uma síntese de nosso trabalho:

O Batente – Pós-modernidade e ascensão da experiência ao *status* epistemológico.

Pós-modernidade e razão. Por um conceito ampliado de racionalidade. Pensar a experiência da fé no âmbito da teologia partindo de uma concepção de racionalidade mais aberta e mais integradora das diversas formas de percepção da realidade que integram nossa existência. Este foi o desafio central

A partir dessa racionalidade pudemos argumentar teoricamente a partir da filosofia, da fenomenologia da religião e da teologia, sobre a centralidade da experiência na tarefa da percepção da realidade, sobretudo da plena realidade que é o desvelamento do próprio Real. Guiados pelo *raciovitalismo* rompemos a lógica dualista *res cogitans* e *res extensa* para propor uma compreensão sobre o ser humano capaz de reintegrar sua corporeidade e espiritualidade a fim de perscrutar o real com a totalidade daquilo que é.

Importante também foi perceber os diferentes lugares teóricos que a experiência pode ocupar como elemento epistemológico e, os vários níveis de discurso sobre o real derivado de cada um deles. Experiências nas perspectivas filosófica, fenomenológica e teológica, guardam peculiaridades

complementares – mesmo que uma complementaridade em tensão – que aprofundadas podem ajudar na percepção do transfundo da realidade, a saber: o Real.

A dobradiça – *Pensiero Debole*: lugar hermenêutico. Maiêutica histórica: revelação e realização humana.

Gianni Vattimo e Andrés Torres Queiruga: apontamentos de convergências hermenêuticas, filosóficas e teológicas para a teologia da revelação.

Partindo das contribuições de G. Vattimo que colocam o cristianismo em sintonia com a pós-modernidade, buscamos propor uma base epistemológica adequada para o desenvolvimento efetivo da proposta de A.T.Queiruga, a saber: maiêutica histórica. Tendo como ponto de partida o diagnóstico nietzschiano acerca da morte de Deus G.Vattimo oferece à teologia um caminho de pluri-fontização dos *loci theologici*.

Este paradigma epistemológico – que funda a libertação da dimensão metafórica do discurso – G.Vattimo identificou como ontologia *debole*, que se expressa com todo seu vigor no *pensiero debole*. Para G.Vattimo, como foi visto tal ontologia se radica na kenosis. É na encarnação de Deus que as estruturas metafísicas são destruídas e, que a *caritas* como forma de ser-no-mundo afirma-se como via para a vivência da fé cristã.

Aproximamos ao pensamento de G. Vattimo as proposições de A.T.Queiruga – tal aproximação será afetivamente realizada no último capítulo da tese –, destacando neste, sobretudo, sua compreensão da teologia da revelação e, a relação que esta tem com a realização humana. Superando a concepção da revelação como ditado A.T.Queiruga apresenta a categoria maiêutica histórica.

Esta categoria expressa sua concepção de revelação percebendo “Deus sempre aí”, ou seja, Deus que se comunica aos homens e mulheres de forma plena, ficando para a dimensão de sua recepção as variadas e limitadas percepções da

revelação. O cristianismo, que não pode deixar de reclamar para si o *status* de plenitude da revelação, o é de fato unicamente pelos méritos de Jesus como homem de plena abertura/recepção do Deus sempre aí. Por Jesus o cristianismo pode testemunhar o Abbá e isso constitui seu tesouro.

Na tarefa de parteira do Abbá – o Deus sempre aí em seus contornos mais claros – a teologia da revelação recebe o auxílio da hermenêutica do amor como elemento de discernimento tanto teológico (no que diz respeito a possibilidade de idolatria, de dar à luz um ídolo), quanto eclesial (no sentido de que o testemunho do Deus sempre aí cumpra seu papel fundamental – quem sabe o único – que é a realização plena do humano).

A porta – Da tutelação doutrinária ao discernimento da fé.

Teologia fundamental no âmbito das discussões sobre os lugares hermenêuticos de sentido. O desafio do discernimento teológico. A cultura pós-moderna tem redefinido basicamente todas as áreas do conhecimento. A teologia, como as demais expressões de conhecimento da realidade, encontra-se nesta mesma dinâmica contemporânea. Aí ela é convocada a colaborar com homens e mulheres, que imersos na cultura, fazem continuamente a experiência da fé cristã.

Enfrentar teologicamente os desafios atuais é o que buscamos fazer a partir do pensamento de G. Vattimo e A. T. Queiruga. Embora estes tenham nos acompanhado ao longo de toda a tese, nesta seção fizemos tanto uma intertextualidade entre eles, quanto os fizemos dialogar com a teoria da literatura no sentido de pensarmos melhor a teologia da revelação na perspectiva de sua recepção.

Pensiero debole e maiêutica histórica articulados com teoria da literatura e hermenêutica, nos possibilitaram dizer que a vocação da teologia da revelação consiste, sobretudo, em colaborar no discernimento da fé que pessoas em e para além de comunidades eclesiais experimentam. Uma vocação única que

pode fazer da teologia e dos teólogos e teólogas companheiros de caminhada na senda da existência ordinária que homens e mulheres peregrinam.

Três conclusões podem ser depreendidas, portanto, desta última seção: primeiro, ao falarmos da revelação passamos a dizê-la como a presença sempre presente de Deus, deixando para trás toda compreensão intervencionista que coloca Deus e o homem em contínua competição; segundo, ao pensarmos acerca da medição cultural que a teologia carece para dizer a palavra da fé, temos que considerar as críticas que a filosofia pós-metafísica fez à tradição metafísica e seu pensamento forte. Ao considerarmos isso chegamos ao *pensiero debole* como o lugar privilegiado para a realização da revelação como maiêutica histórica; terceiro, propomos pensar a vocação da teologia como colaboração no discernimento da fé como sua mais nobre ação.

Além do que nos foi possível trabalhar nesta tese, outros temas ficaram em aberto para possíveis aprofundamentos futuros. Dentre muitos destacamos três.

Primeiro: *A positividade da experiência para a comunicação da fé em tempos de pluralidade*. Um dos grandes desafios que a teologia da revelação tem diante de si é a comunicação da fé cristã para uma sociedade profundamente marcada pela pluralidade. Neste contexto as instituições deixam de ter a importância que tinham no passado, da mesma forma que suas sentenças não são mais definitivas. A velha sentença *Roma locuta, causa finita* é substituída por certa sensibilidade plural que tende a afirmar que *a voz do povo é a voz de Deus*.

Neste novo paradigma cultural a teologia da revelação tem cada vez menos condição de contar com esquemas conceituais universais que pressupem a naturalização da fé cristã. Pensar que todos os homens e mulheres são cristãos em essência, bastando à teologia somente fornecer os esquemas para esclarecê-los disto é uma temeridade. Não dá mais para fazer teologia à distância das pessoas e suas situações. Não são suficientes mais os manuais, eruditos ou catequéticos, para que as pessoas façam adesão à fé cristã.

A teologia se vê, portanto, diante de um momento crítico. Não obstante isto, ela vive também um momento rico em possibilidades. O forte apelo à experiência que caracteriza a pós-modernidade não exclui a fé cristã. Ao contrário, é exatamente nesse contexto que sua vivência deu os primeiros passos e, foi também nesse contexto que ao longo da história ela se reinventou. A experiência guarda uma positividade para a vivência e comunicação da fé cristã. Somente uma teologia apegada demasiadamente à instituição é que não conseguirá enxergar isso.

Este primeiro tema já pode ser verificado no âmbito da teologia das religiões e do diálogo inter religioso.

Segundo: *A via estética como modo de constituição de um novo sujeito de recepção. A teologia diante de novas possibilidades de diálogo.* Uma outra positividade que a pós-modernidade oferece à reflexão teológica é a possibilidade de estabelecer novos diálogos para a formação de seu discurso.

Deslocando o centro do sentido hermenêutico da instituição às pessoas, ou seja, privilegiando a recepção da Palavra como ponto de partida para a teologia da revelação, emergem novos lugares teológicos a partir dos quais a revelação pode ser dita. Dentre esses novos lugares aqueles que privilegiam a estética são os mais promissores. Literaturas, artes plásticas, dramaturgia, cinema, etc. passam a ser assumidos como lugares teológicos. E isso, porque se assume anteriormente a descentralização e desverbalização da revelação com relação à instituição e à Escritura.

Em convergência com a pluralidade que é constitutiva da pós-modernidade, afirma-se a dignidade da diversidade de novos lugares teológicos. Este segundo tema pode ser verificado em inúmeras tendências da teologia contemporânea, merecendo destaque o crescente diálogo entre teologia e literatura.

Terceiro: *A revelação de Deus como realização humana. Ou Deus como transfundo do ser em eventualidade e encontro.* Por fim, mas, sem dúvida o

mais importante, está a concepção de Deus como companheiro de homens e mulheres em suas jornadas existenciais rumo à plena realização. Superar a visão de Deus como adversário da humanidade foi o passo mais importante da teologia ao longo do século XX.

Pensar Deus como transfundo de toda realidade e não como um tapa buracos que se mostra arbitrária e episodicamente, é o maior desafio colocado à teologia da revelação. Se for um adversário que aparece aqui e ali a seu bel prazer, Deus não interessa a quase ninguém – porque por quase ninguém ele se interessa –, porém, se for a realidade maior onde toda a realidade particular se realiza, aí sim Ele faz sentido a todos, mesmo àqueles que preferem não nomeá-lo tal qual fazem os cristãos.

Este terceiro tema pode ser verificado já há algum tempo nas diversas diversas tradições cristãs ocidentais. Na tradição católica merece destaque o pensamento de K. Rahner. Na tradição protestante destaca-se P. Tillich. Um diálogo entre estes dois autores pode ser visto naquele que melhor representa essa relação entre Deus e a realização de homens e mulheres, a saber: A. T. Queiruga.

E é com as palavras dele que terminamos nossa reflexão:

Por pouco que tenhamos purificado sua imagem em nossa vivência, torna-se incompreensível esse Deus estranhamente particularista, para não dizer arbitrário e mesmo mesquinho.

Criar *todos* os homens e mulheres, mas revelar seu amor somente a uma exiguíssima minoria, assemelha-se demais ao homem que engendra muitos filhos, mas cuida somente de um, enquanto manda os outros para o orfanato⁹⁸⁰.

Pois, embora nem sempre estejamos conscientes disso, a experiência religiosa autêntica implica que Deus comunica-se a nós aqui e agora, a todos e a cada um, de maneiras sempre novas⁹⁸¹.

⁹⁸⁰ QUEIRUGA, Andrés Torres. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. p. 25.

⁹⁸¹ *Ibid.*, p. 27.